



TOMAR OS OLHOS DE *ORLANDO* E FAZÊ-LOS MEUS: TALVEZ QUEM SABE... *PERFORMANCE ORLANDO – UMA BIOGRAFIA, DE VIRGÍNIA WOOLF*

Marcus Alexandre Motta*

Resumo – O presente texto é um ensaio do deslocamento literário do interesse por *Orlando – uma biografia*, de Virginia Woolf. Uma atitude alinhada ao trabalho predito pela própria arte e, de alguma forma, nosso maior problema: intentar criar-se a si mesma, convencer-se de que existe, expandindo o seu saber, até as barras do perjúrio, impedindo o testemunho, gerando outro, com olhos alheios, sugerindo o que não há e é imperativo sentir, *Orlando*.

Palavras-chave: Olhos. Arte. Empenho. *Performance*. Testemunho.

Ao aceitar o convite de Ana Chiara, há algum tempo, para escrever um texto sobre *Orlando – uma biografia*, de Virginia Woolf, no qual pudesse refletir sobre o saber feminino, a partir das ideias de experiência e linguagem, fiquei perguntando-me como fazê-lo. Como não poderia nunca indagar, por pura educação, quais seriam as expectativas de minha amiga para um texto escrito por pesadas mãos, meditei sobre as possibilidades e acabei adiando-o. Hoje, quando novamente me vejo próximo do agradável convite de Ana Chiara, preciso contar com a compreensão de todos e pedir desculpas pelo novo adiamento, mais uma vez.

Adio a tarefa aos olhos de todos e solicito compreensão descabida a Ana Chiara – já que nada falarei prontamente sobre a obra de Virginia Woolf. Desculpe-me, Ana. Nada sei sobre cumprir tarefas, minha linda Ana. Contudo, renuncio saber se me é aceitável mobilizar-me para falar sobre *Orlando*. Assim, creio que posso esperar nesse inquieto talvez que me ampara no duplo respeito a *Orlando* e a você.

Não ousou obrigar-me a falar da obra de Virginia Woolf, Ana – mesmo que tudo pareça descabido e sem qualquer propósito, pois encontro-me desaparecendo, pedindo a mim que saiba ditar as minhas desculpas. Quando penso que estou a adiar mais uma vez o

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É pesquisador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Uerj. E-mail: marcusalexandremotta@globo.com

cumprimento de seu convite, reconheço que o copio velando-o sob os meus olhos, como se fosse fotografá-lo e encontrá-lo num qualquer tempo sem o devido calendário e sem testemunhas.

Alguns, nesse auditório, devem estar pensando: o que ele então veio fazer, presente como está numa mesa que se propõe a pensar, publicamente, Helio Oiticica e a liquidez do corpo, assumindo que vai, novamente, adiar a tarefa? Dirijo-me a eles desculpando-me, mais uma vez.

Mas, então, o que vim fazer por aqui? Direi, sem mais tardar, por que aqui estou. Falarei: vim aqui de maneira a deixar público o meu adiamento em aceitar o convite da Ana, acreditando que, com a sua gentileza, desaperceba a minha precária educação de amigo. Quando assim preciso, quero dizer prontamente: aqui estou num por enquanto, talvez longo, talvez muito breve, no qual adio a tarefa por impossibilidade de apresentar um discurso de autolegitimação que se ampare na obra de Virgínia Woolf. Mas já que aqui cheguei, preciso me pôr a falar, pois, se me calasse, cumpriria, de maneira sublime, aquilo que só caberia ao meu silêncio de leitor.

Falarei, então! Falarei do meu interesse por palavras apenas. Aquelas que não se envergonham, pois só testemunham a si mesmas – sem nada prometer ou jurar. Palavras que tomam a justeza da medida de seus passos, cujo ritmo e tempo para dizê-las deixam-me completamente atento, de maneira a não entregar a arte à dimensão representativa, mediadora, técnica, semiótica e informativa, na qual a vida ganha *status* de vitalismo ou biologismo, sacralizando-a por ela mesma, conforme o simples fato de viver.

Deixe-me dizer: as palavras têm o jeito de fazer tudo sem fazer nada, em fingir saber e se agradar hiperbolicamente. É isso que me importa aqui, Ana. Elas na vida que se formula pela primeira vez, numa outra forma de experimento e, desse modo, entregam a justiça da vida à vida de *Orlando*, palavras. À vida de *Orlando* – ele/ela/ela sem mais; sem mais do que uma vida, a se reconhecer e a perder o poder de pronunciar quando a dita (sem que eu possa apenas conjecturá-la por situá-la como literária, sem cair no impensado preconceito de um *scholar*).

O certo, o exato, é que desde a primeira vez em que li *Orlando*, nos fins da década de 1970, como mero estudante, sequências de ignorâncias manifestaram-se – a ponto de deixar o livro solto na estante. Não sei ainda se estar desligado de outros livros traduzia a estupidez dos anos de convicção, mesmo que aquele estágio da minha mente não tivesse qualquer relação com *Orlando*. Por tudo, tenho a estranha sensação de que poderia naqueles anos decidir qualquer coisa com o livro e ser completamente compreendido hoje.

Não quero examinar a urgência do desejo de ser compreendido (desapareceu ao longo dos anos). Quero aproveitar o adiamento, em que tudo ao mesmo tempo se assinala e se trai, e aproximar-me de aspirações de algumas escolhas feitas no final da década de 1980, propondo como assunto fundamental, de estar aqui, o meu interesse mais antigo e mais novo. O motivo desse caráter pouco claro é dar fé à interface de *Orlando* com texturas individuais que quero deixar abertas ou manter fecundamente abertas, enquanto me desculpo com Ana.

Tal interface pode ser admitida se a tomo como uma indefinível inquietude, confiscando, explicitamente, o meu estar aqui; cuja postura se estabelece na existência de um sentimento de interessar-me em e por alguém, consoando casos sem detê-los em qualquer noção de tempo ou espaço. Ora, se interessar em e por alguém ajeita o ato existente no título que me trouxe até aqui: tomar os olhos de *Orlando* e fazê-los meus. Efetivamente, só posso tê-los, apresentando os meus, renunciando a uma atitude de modo (marca fácil de nossa intelectualidade), em favor da posse de olhos alheios, cujo horror (é necessário arrancá-los) hei de afrontar para apreciar o seu valor.

Ah!... Querida Ana, Proust (1987, p. 347) havia dito que a única viagem verdadeira não consiste na busca de novas paisagens, mas sim na possibilidade de que nós

[...] tivéssemos outros olhos a fim de observar o mundo com os olhos de um outro, com os olhos de outros cem; para poder observar os cem diferentes mundos, dos quais cada um de nós vê um e é um em si mesmo.

Assim, devo ser – por mim mesmo com os olhos não meus. Ana, a leitura de *Orlando* está no geral. Todos nós estamos sob esse aspecto, impedidos de exprimir qualquer coisa que não se aplique. Ana, a inteligência aplicada não é uma forma de ignorância? Descanso nessa pergunta, imanente aos nossos problemas teóricos e, com ela, substituo a leitura por uma precária capacidade de ditar o que passo a ver, contando com os olhos alheios.

Ditando, possuo o movimento de falar de mim como não me conhecesse, cuja tarefa se destina à contradição em dizer. Ana, é por isso que adio aceitar o seu convite – precisei arrancar os olhos de *Orlando*. Arranquei para tê-los como meus, esperando, com isso, a oportunidade de aprender algo novo e mais antigo, decidindo receber alguma coisa posta, quase sempre, à beira dos estudos dedicados à arte: suas próprias estaturas e intensidades de palavras e olhos, cujas escutas são olhares em despedida a repetir sua primeira vez. Tal fato, Ana, me parece ser uma atitude alinhada ao trabalho predito pela própria arte e, de alguma forma, nosso maior atraso: intentar criar-se a si mesma; convencer-se de que existe, expandindo o seu saber, até as barras do perjúrio, impedindo o seu testemunho, sugerindo o que não há e é imperativo sentir.

Nesse itinerário, reconheço que *Orlando*, aqui (eu) com seus olhos, apresenta a solidariedade entre abalados (eu a sinto), e que exercitá-la me sugere ser a forma de suspeita ou confiança que se pode ter na vida. Isso expressa que tal suspeita, ou confiança, se insinua, literariamente, em (e por) *Orlando*, como algo inelutável e, conseqüentemente, ofensivo: palavras.

Inadvertidamente, Ana, estou a falar como quem desejasse apresentar uma questão de conteúdo. Não! Falo apenas palavras. É nesse sentido, e nesse sentindo somente, que sei que *Orlando* se concreta nos olhos que agora são os meus, de sorte que o mundo converte-se,

tendo-os, em uma excepcional sensibilidade desrespeitosa, a justiça da palavra vida, endereçada a quem caminha e não tem outro lugar que não seja estar a caminho.

Sem os olhos de *Orlando*, nunca me foi possível ver outro mundo que não fosse aquele do tempo da prisão que os meus encarceraram. Tendo na vista um outro, aprendo que essa experiência é uma outra palavra para viagem, cujo trajeto dá voltas mas não reconduz nenhum discurso que possa se envolver com uma explicação sobre *Orlando* de Virginia Woolf.

Olhos em mim, meus agora, Ana, como um vasto convite que, na sua maneira de ler, na figura abissal de si mesma, declara palavras como muitos quartos vazios que esperam que alguém, interessado em e por alguém, ali entre e sonhe com o ilegível; ou, então, palavras como parques, ruas, folhas, chão, escadas, pequenos objetos qual livros – nos quais o mesmo convite é feito para intensificar delírios de esperas em palavras que acontecem quando se está interessado em e por alguém. Ana, é preciso dizer: os olhos servem à arte quando não são os nossos, distinguindo as coisas sem nós e não temendo a individualização do quer que seja e, portanto, suspendem a autoridade das normas de leitura, pois só desejam ser o que são: uma palavra de singular plural, olhos.

Quando afianço a suspeita ou a confiança na vida, como algo inelutável e ofensivo, *Orlando*, pretendo assumir certa condição corporal de estar indeciso, se é este o lugar no qual deveria iniciar a minha fala, minha querida Ana. Um lugar, Ana, algo recusável e querido, no qual a fábula desfia uma escrita que doa lugar a este que aqui se forma. Denomino esse gesto de *performance*. Palavra estrangeira do tamanho da estrangeirada palavra vida. Talvez, essa denominação fique na imprecisão que agora desejo, estando a desinstalar corpos com aqueles olhos, nos passos dos minutos, distinguindo a evidência de que não há solo propício, ou teto, para quem caminha e não tem outro lugar que não seja estar a caminho; contando com as palavras para se distrair e olhando outros mundos nestes meus olhos alheios.

Acontece, Ana, que a verdade sobre a noção de *performance* tem tantas vias literais de fuga que falarei como um idiota: direi a palavra verdade sem hesitação ou reserva. Mas quem é ela? Apenas uma palavra, que se instala como uma sentença: a única maneira de se despedir da solidão que o mundo e a luz provocam é suspeitar ou ter confiança se a existência é capaz de provar existir de alguma maneira, contando com olhos não seus.

De alguma forma, estar a ver, com os olhos de *Orlando*, possibilita-me compreender que a arte vai de si ao vivido, sendo, portanto, o único experimento que reinstala o ato nos degraus de uma prosa literária inviável. Esse pensamento equivale à exigência de que *Orlando* proclama a minha sujeição, de que ele/ela/ela sem mais, existindo como olhos não meus, expõe sempre o que não sei, vivendo ou lendo – sem nenhuma distinção entre os termos. E ainda, ele/ela/ela sem mais, tendo os olhos arrancados por mim e sabendo que sacrifiquei os meus, confia-me a miragem de sua biografia, suspeitando se aquela que almejo é a busca pela prova do meu existir, contando apenas com ele/ela/ela sem mais em palavras.

Quero, então, decidir quanto empenho há em falar como saída de nenhuma história (a que compõe a minha rasura autobiográfica denominada *Orlando*). Assim, as interfaces de *Orlando* com as minhas texturas individuais são palavras provenientes do meu interesse em e por alguém, solicitando a mutação do meu próprio conhecimento em favor de um sentimento a viver de palavras. Sendo este, a dádiva que transporta a si mesma sem demarcar chegada e ir terminando sem aviso ou moral.

Indiretamente, por essas conseqüências *a priori* sentidas, o conhecimento libera-se de lá, estando aqui nos olhos de *Orlando*, sustentando um ato performático puro que, por assim ser, não presta contas a ninguém e diante de ninguém. Sim, os olhos alheios. Aqueles que cultuam o que tocam e desertam tão logo acariciam, em sorriso de dolorosa alegria e de sonora hospitalidade. Do centro dos olhos de *Orlando*, sei que posso anunciar: eis-me aqui, a aguardar quem vem lá, seja quem for, sacrificando o desejo de saber sobre qualquer traço do meu saber quando falo.

Neste ponto, Ana, já sou um lugar literário fundamental, como *Orlando*, inelutável e ofensivo, no qual se promove o apetite em suspeitar ou confiar na condição da existência humana e no reconhecimento que disso deriva. Na medida em que esse ato desdobrado concebe um problema humanitário em geral, sua indexação refere-se à postulação do diálogo artístico no qual nunca estive inscrito, em circunstâncias que me permitem estar, de antemão, pronto para aceitar a minha capacidade de ser decepcionado por minhas palavras – algo essencial à forma de haver os olhos de *Orlando*.

Possuir os olhos de *Orlando*, Ana, tê-los arrancados para ver, é perceber que ele/ela/ela sem mais faz ocorrer algo em vez de nada. Fazer ocorrer algo em mim – e abuso ao dizer: em qualquer um – é o que posso denominar de ser alguém interessado em e por alguém. Isso já é muito mais do que qualquer um consegue naquilo que todos chamamos de viver, demonstrando que palavras que medem seus passos expressam momentos de perigo e de perda que estar interessado em e por alguém adensa em muitas palavras.

Com os olhos de *Orlando* sei que nada tocado por eles pode a manta do tempo cobrir, facilmente; até porque tempo é uma mera palavra para qualquer ambiente mental. E é por essa razão, precisamente, que vejo com eles a possibilidade de acolher o perigo e as perdas. Lá onde os meus antigos enxergariam a batalha sobre muros dos conceitos e montanhas de histórias, tendo os dele/dela/ela sem mais, afasto-me de todos aqueles que sacralizam a vida por ela mesma, conforme a vivem a evitar palavras – acostumados como estão ao vazio da dimensão representativa, mediadora, técnica, semiótica e informativa.

Claro que se sou, tal e qual *Orlando*, é porque estou autobiografado por olhos não meus. Tenho um biógrafo literário, como qualquer um, pois não consigo pensar que cada um de nós, ao falar interessado em e por alguém, deixe de sofrer o seu destino e consagre-se como uma literatura a viver uma vida humana. E se *Orlando* é tão convincentemente a autobiografia

desse alguém que fala, é necessário dizer que ele/ela/ela sem mais está aqui, nesses meus olhos não meus, a abusar de palavras que são responsabilidade minha.

Responsabilidade minha – não é tornar esta escrita uma escavadeira? Aceito evidentemente, Ana. Sou, nestes olhos não meus, uma espécie de pá mecânico-animal que trabalha sobre um terreno fora da fronteira do seu convite, escavando uma superfície que não cede aos meus esforços, querendo chegar até você. Há de admitir, minha linda Ana, que uma escrita é, interessado em e por alguém, algo que quebra os dentes conforme a excentricidade desse contumaz solo denominado folha de papel.

Porém, a fraqueza de minha confissão biográfica (devo dizer), a palavra *Orlando*, é esclarecida quando sei que a minha aspiração de confiança ou suspeita na vida converte-se na forma de professar os meus afetos dedicados a *Orlando*, declarando-os como a minha vida suscetível de ser questionada e aqueles olhos ficam a aplicar à minha vida a biografia que me caberia (caso tivesse compreendido que a palavra corpo sempre nasce no Oriente – no oriente de qualquer lugar).

Não sei se a minha autobiografia em e por alguém, *Orlando*, consinta ser o meu destino. Entendo por destino, agora que tenho olhos alheios como os meus, o aparecimento de minha errância tagarela. Então, minha autobiografia *Orlando* é uma forma de vida, inscrevendo-me no oriente da partida que ela me provoca, o que corresponde à justa natureza de uma existência que poderia, se partisse junto com as palavras, denominá-la de minha.

Denominá-la de minha, querida Ana, é saber de cor o sucedido antes mesmo que ele aconteça. Eis, então, a maioria do desamparo que torna o portador um andarilho sem sujeito, cujos olhos não seus vão acompanhando os passos sem se virar para ver, pois escutam soar nas imagens o interesse em e por alguém.

Se válido este dizer, Ana, é porque a minha autobiografia *Orlando* funciona como o criador de alguém incompletamente imaginado e, dessa forma, apto a restar invisível no seu melhor. Assim, não há o que pedir à arte que responda às minhas interrogações. Por que, então, devo apelar à obra de Virginia Woolf, da forma que for, se os olhos de *Orlando* são meus agora e as palavras, até aqui, só são minhas?

Não apelo, Ana, nem a Deus – porque não quero afugentá-lo. Essa recusa ao apelo prescreve a imperfeição da vida e dela não tiro os olhos não meus. Desse jeito, promovo, interessado em e por alguém, a falta de *telos* efetivo e dado. Pois eu gostaria de conhecer como é possível conduzir um *Orlando* à esteira de uma leitura metódica e não reconhecer a danação que isso provoca.

Se aquilo que vejo deve ser acessível ou hermético, eficaz ou gratuito, é um problema secundário. Exercício ou revelação com olhos alheios é o que de pouco ainda há e sobrevive em palavras apenas. Fico a imaginar o que *Orlando*, biografando-me, deseja me fazer pensar quando, nas suas "intuições" de mim, invoca a noção platônica de recordação para proclamar

que não pode haver desejado empregar tal palavra de modo literal. Mas nada disso quer dizer algo razoável. Há aqui um salto brusco e inesperado nas palavras. Não nego que me ponho em apuros; sou, contudo, autobiografado por *Orlando*. E ao dizer, devo falar que algum dia suspeito, ou confio, na suposta confecção dessas palavras nesta tarde do meu adiamento pronunciado.

Nesse sentido, Ana, não ajo para a "salvação" de uma obra e nem defendo a ideia de outra para apaziguar a justa vida que ela carrega. Ana, a literatura sabe algo e não significa; portanto, seu passo artístico diferencia-se, completamente, do passo de um *scholar* que é grande pela "modesta" de sua leitura.

Assim, Ana, a convicção é de que, sendo autobiografado por *Orlando*, o meu pensamento pode encontrar distintos interesses em litígio, conforme falo e não me controlo – aqueles mesmos litígios que são tão próprios a qualquer pessoa, quanto mais num arrancador de olhos alheios, interessado em e por alguém e, por isso, falador. Claro, Ana, que isso pressupõe respirações no limite, como você me ensinou, pois alguém como eu, biografado, confessa entender que o mundo possa morrer – em razão da confiança ou suspeita de que ele pode ou não provar sua existência com tantos fins e certezas em jogo e tão poucas palavras errantes.

Considero, assim como sou autobiografado, que a busca por parte da arte é *Orlando*/eu – duas palavras, um conjunto e um fingimento franco. Uma forma de unir, ou equiparar, o esforço para recuperar a condição estrangeira da palavra vida, segundo uma palavra estrangeira, *performance*, que eu não sabia poder compreender, estando aqui sentado, falando por tempo suficiente, como se cumprisse a justiça da palavra vida, que deveria me pertencer, e nela me insinuasse em todas as palavras que até aqui disse.

Essa aparente felicidade de viver com olhos alheios em palavras, Ana, é uma renúncia, com a qual experimento amar ruínas, segundo a silhueta da palavra que descreve a minha futura face – portanto, nem me alarmo e nem me cabe interrogar sobre a fragilidade do que amo. Não há nada semelhante no meu passado: é a primeira vez que saio da singularidade do pior, usando apenas palavras – palavras que se estendem até equivaler a um nada sem maior nulidade, a vida em sua justiça.

Por graça dos olhos de *Orlando*, e por motivos opostos, as minhas palavras andam libertas, sem precisar descobrir qual é o motivo da fantasia em afirmar isso. Logo, consisto num dispositivo sem regulagem, cujas palavras são atribuições de uma vida própria, como se as qualidades de *Orlando* tivessem mais presença do que aquelas que eu considerava minhas antes de arrancar os seus olhos. Enfim, venho biografado por ele/ela/ela sem mais, numa fala, em e por palavras, que me protege da "genuína poesia" do detrator que desaprendeu a ler.

Ah, Ana! Eu aqui, com estes olhos não meus, a aprender as dificuldades objetivas em aceitar o seu convite, associando-me subjetivamente à resistência menos difundida. Alia-se aí, com destreza, a evidência de evitar o convite de maneira a me fazer animista. O resultado dessa disposição é a aprendizagem com *Orlando*: uma fluidez singela. É ela, Ana, que me

trouxe até aqui, interessado em e por alguém, sem permitir que o meu sentimento por *Orlando* seja reificado.

Assemelham-se a isso, Ana, os meus pedidos de desculpas. Isso porque a arte é uma vez mais o mundo, sem permitir que a ingenuidade do adiamento se torne um ponto de vista, deixando, assim de existir – pois sabemos que a leitura ideal de *Orlando* seria aquela em que o mediado se ponha no instante imediato, configurando a ingenuidade como meta; não origem.

Se cada palavra autobiográfica que uso implica ser *Orlando*, é porque estão no imediato dos meus olhos. Assemelha-se, o imediato, aqui, nos meus olhos não meus, aos alentos das virtudes e dos vícios que eu precisei ter para cancelar o sentido da fala que realizo. Mas como possuo os olhos dele/dela/ela sem mais, comunico seus desejos, sabendo deles ou não. Digo que se trata de um modo mais particular, porque se apresenta como recuperação da voz de *Orlando* na mais ordinária fala que encerro.

E se encerro aquela voz, é porque falo como ando sem ter tão belas pernas como aquelas de *Orlando*. Ele/ela/ela sem mais, ainda masculino, de pernas longas e belas. Ele assim e eu nas minhas feias. Não digo tanto, mas comparadas as dele, o que posso dizer?

Posso dizer que as nuances das pernas de *Orlando* são evidentes como os passos da fala de minha autobiografia por e em olhos alheios. Quando assim penso, detentor momentâneo daqueles olhos, vejo a minha vida na medida em que a leio interessado em e por alguém – nesse caso, sou apenas eu apto a restar invisível no meu melhor, *Orlando*, vivendo, por enquanto, muito mais, muito mais, do que os minutos que consagrei com o meu falar; justamente por ter adiado a tarefa e chegado até aqui tagarelado como o biógrafo de *Orlando*; acentuando a significação de seu nome, Ana.

Isso quer dizer: na nossa língua, a palavra graça, abundante na significação do seu nome, prescreve três andamentos, quase musicais. Uma que se faz de humor. Outra a se fazer de beleza e, por fim, aquela: dádiva. Veja, Ana. Se até aqui mantive a minha falta de educação por não aceitar o seu convite, tendo os olhos de *Orlando*, é porque queria não perder, contando com estes olhos alheios, a *performance* da palavra graça, ditando-a sem anunciá-la até aqui, interessado como sou em e por alguém, para enfim, consagrar-me na suspeita, ou na confiança, que tenho se a vida é capaz de provar existir, contando apenas com esta palavra e uma amiga.

Take the eyes of *Orlando* and make them mine: perhaps, who knows... *Orlando – a biography* by Virginia Woolf performance

Abstract – This text is an essay of the literary movement of interest in *Orlando – a biography*, by Virginia Woolf. An attitude in line with the work predicted by art itself and, somehow, our biggest problem: trying to create itself,

convince itself about existence, expanding its knowledge, up to the bars of perjury, preventing witness, generating another one, with foreign eyes, suggesting what there is not and what is a must to feel, *Orlando*.

Keywords: Eyes. Art. Endeavor. Performance. Witness.

REFERÊNCIAS

PROUST, M. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.